

A Política da Etnopoética

Essa “política” é fundamentalmente a questão acerca do que a civilização ocidental industrial e tecnológica está fazendo com a Terra. A Terra (apenas para lembrar alguns fatos), tem 148 milhões de metros quadrados, cerca de 4 bilhões de seres humanos, 2 milhões de espécies de insetos, 1 milhão de espécies de plantas, 20 mil espécies de peixes e 8.700 espécies de pássaros; é construída a partir de 97 elementos que ocorrem naturalmente na superfície com o poder acumulado da radiação solar; e evoluiu a partir dos últimos 4 milhões de anos. Temos aí diversidade suficiente.

David Antin falou ontem a respeito de como os autores trágicos se dirigiram a Platão a fim de se orientarem sobre a encenação de algumas tragédias e a resposta de Platão: “Muito interessante, senhores, mas deixem-me falar sobre o que está sendo preparado para ser a maior encenação trágica entre todas: ela se chama O Estado.”

Desde uma idade muito tenra eu me descobri tomado

por um fascínio indescritível diante do mundo natural. Uma atitude de gratidão, maravilhamento, e um sentimento de proteção especialmente quando comecei a ver as montanhas sendo derrubadas pelos tratores para a construção de estradas, e as florestas do Noroeste da costa do Pacífico flutuando magicamente nos comboios das companhias madeireiras. Fui criado em uma família rural do Estado de Washington. Meu avô era um colono na Costa Noroeste. A base econômica de toda a região era a extração de madeira. Ao me esforçar por acompanhar a dinâmica do que estava acontecendo — área rural do estado de Washington, anos 30, depressão, um garoto branco vivendo no campo, alemão por um lado, escocês-irlandês por outro, com pais radicais, quer dizer, gente de sindicato do tipo de base regionalista e dentro do internacionalismo operário — eu não consegui encontrar nada nessa orientação radical-socialista deles (profundamente crítica à política e à economia norte-americana), que pudesse me ajudar a entender o que estava acontecendo. Fui obrigado a buscar por mim mesmo, através de leituras e da imaginação, e isso me conduziu a uma variedade de visões políticas: marxista, anarquista, e assim por diante.

No momento eu gostaria de pensar na possibilidade de um novo humanismo. O humanismo, apenas para lembrar, como uma forma pós-Renascentista de se tratar da questão de como libertar o homem das amarras que o mantinham preso à visão teológica da Era Medieval. Mas para mim é difícil pensar em nossa situação em qualquer outra escala que não inclua pelo menos os últimos quarenta mil anos. Um espaço de cinqüenta mil anos não é grande coisa. Se nós quiséssemos falar sobre a evolução hominídea, teríamos que levar em conta algo como quatro milhões de anos. Quarenta mil anos é uma escala de tempo útil para avaliação porque através de todo um período com essa extensão nós podemos ter a certeza que o homem esteve no mesmo corpo e na mesma mente na qual ele se

encontra agora. Toda a evidência que nós temos indica que a imaginação, a intuição, o intelecto, o juízo, a capacidade de decisão, a velocidade, a habilidade, estavam inteiramente desenvolvidas quarenta mil anos atrás. Na verdade, pode ser que nós tenhamos sido um pouquinho mais espertos quarenta mil anos atrás, uma vez que o tamanho do cérebro sofreu um certo declínio médio a partir desse ponto alto da fase Cro-Magnon. É interessante que mesmo o tamanho médio do crânio Neanderthal (do qual a maioria das pessoas têm uma imagem um tanto desairosa), indica um tamanho de cérebro maior que o do homem moderno. Nós não sabemos porque o tamanho do cérebro declinou. Isso provavelmente tem alguma coisa a ver com a “sociedade”, caso queiramos pôr a culpa em algo. A sociedade proporcionou anteparos e proteção de uma ordem cada vez mais complicada de modo que, ao adotar um campo de atuação maior e as populações aumentarem de tamanho, ela criou proteção em relação àquelas demandas de velocidade, habilidade, entendimento e inteligência que eram comuns no Paleolítico Superior. O contato pessoal direto com o mundo natural exigiu dos caçadores e coletores — tanto aos homens quanto às mulheres — um estado de atenção tremenda e contínua.

O que nós observamos no mundo hoje em dia é um troar sem paralelo de ações destrutivas de toda diversidade de culturas humanas, espécies, e da riqueza da biosfera e dos milhões de anos de evolução orgânica que foram investidos nisso tudo. Num certo sentido a etnopoética é como um campo da Zoologia que se ocupa de espécies em extinção. Nós devemos nos preocupar com isso porque nosso assunto em questão está rapidamente desaparecendo e nós (e por “nós” eu quero me referir a todos, a despeito de sua cor ou herança étnica, que estão acoplados ao sistema industrial de combustíveis fósseis), somos com isso aqueles que de alguma forma inexorável, cá-

mica, histórica, estamos associados nessa corrida desabalada.

Quatro mil linguagens e culturas diferentes existentes em torno do ano 1900, também foram varridas no avanço inexorável no sentido da monocultura. A monocultura teve dois tipos específicos de combustível nos últimos seis mil anos. Nessa escala de tempo de cinquenta mil anos, (sou bastante grato ao Dr. Stanley Diamond por essas noções), a maior parte das ocupações relevantes do homem foram exercidas na caça e na coleta, em culturas "primárias". Em uma data recente, a cerca de 12.000 anos atrás, a agricultura começou a desempenhar um pequeno papel em alguns cantos do mundo. Foi apenas nos últimos 3 milênios que a agricultura realmente espalhou-se de modo amplo. A civilização tem 8 mil anos de idade, e com ela temos a estrutura de classes, suplementada pela acumulação de riquezas, sociedades dotadas de língua escrita as quais, em relação àquele total, representam uma parcela muito pequena da experiência humana — a capacidade de ler e escrever representando uma faixa ainda mais estreita, uma vez que foi apenas nos últimos dois séculos que uma porção qualquer razoável de algum país civilizado se tornou suficientemente letrada. Sendo assim, a literatura oral, a balada, as lendas folclóricas, os mitos, as canções, as questões definidas pela "etnopoética" formavam a experiência literária predominante da humanidade. Ao se compreender isso, se torna ainda mais aguda a percepção do que é que está sendo varrido da história.

Na primeira edição de *Alcheringa*, Jerome Rothenberg e Dennis Tedlock fazem um sumário de intenções o qual eu gostaria de utilizar como referência, porque também me parece que ao ser colocado aqui, quase cinco anos depois, isso nos permite ver como essas intenções originais vão aparecer agora para nós e como foram trabalhadas. Há oito pontos nesse levantamento: "Como a primeira revista de poesia tribal do mundo inteiro, *Alche-*

ringa não pretende ser um periódico doutoral de 'etnopoética', mas sim um lugar onde a poética tribal possa aparecer em tradução inglesa e possa atuar (tanto nas tradições poéticas mais novas quanto nas mais antigas) para modificar a vida e a mentalidade dos homens". Observem este último item. "Ao passo em que suas fontes serão diferentes de outras revistas de poesia, ela se proporá à tarefa de apresentação de revelações atuais, o que tem sido a prática comum em nossas *avant-gardes*. Nesse percurso nós nos propomos: (1) ao explorar toda uma faixa de alcance da poesia humana, expandir nosso entendimento do que um poema pode ser; (2) prover uma base para a experimentação na tradução de poesia tribal/oral e um fórum para a discussão das possibilidades e problemas de tradução a partir de culturas amplamente divergentes; (3) encorajar poetas a participar ativamente na tradução de poesia oral/tribal; (4) encorajar etnólogos e lingüistas a realizar o trabalho cada vez mais ignorado pelas publicações acadêmicas em suas áreas de atuação, isto é, o de apresentar a poesia tribal como um valor em si mesma, ao invés de como descrição etnográfica; (5) ser uma vanguarda para a iniciação de projetos cooperativos nessa linha entre poetas, etnólogos, cantadores e outros; (6) fazer um retorno aos sistemas complexos e/ou 'primitivos' de poesia, como uma forma de exercício (de intermediação), etc., e explorar formas de apresentá-los em tradução; (7) enfatizar por meio de exemplos e comentários a relevância da poesia tribal para o mundo em que vivemos; (8) combater o genocídio cultural em todas suas manifestações."

Eu acredito que a maioria dentre nós compreende o que aconteceu com respeito àquelas áreas de interação descritas nos pontos de 2 a 7 nos últimos quatro ou cinco anos, de modo que eu vou concentrar meus comentários nas duas questões "combater o genocídio cultural" e "o que um poema pode ser".

Para combater o genocídio cultural necessita-se de

uma crítica da própria civilização, e alguma orientação a respeito do que acontece quando ocorre o “atravessamento de fronteiras”, quando culturas diferentes, pequenas, relativamente auto-suficientes começam a entrar em contato entre si e essa interação é multiplicada por um processo histórico de crescimento populacional, aumento da acumulação de riquezas e assim por diante. É provavelmente verdadeiro que há uma certa desconfiança básica no contato inter-cultural entre pequenas sociedades que é solucionável por meio do comércio, trocas, jogos e competições periódicas, festividades e encontros musicais. O simples fato da distância por si própria, distância física entre dois grupos, entre dois domicílios, faz com que um grupo pense em seus vizinhos como “os outros”.

A verdadeira competição armada começa talvez com armas de bronze e certamente com o ferro. Culturas capazes de incursionar em terreno alheio emergem; esse é o primeiro tipo de contato turbulento. Alguns povos abandonam a agricultura e a caça e assumem as incursões como forma de vida. Isso continua hoje em dia naquilo que Ray Dasman chama de relacionamento entre culturas de ecossistema e culturas de biosfera. Culturas de ecossistema são aquelas cuja base de suporte econômico é uma região natural, uma bacia hidrográfica, uma zona agrícola, um território natural dentro do qual elas devem obter todo seu sustento. Ao viver dentro de um ecossistema, a princípio em termos de interesse próprio, as pessoas costumam ser cuidadosas. Elas não destroem o solo, elas não acabam com as regras do jogo, elas não arrancam todos os vegetais deixando a água lavar toda a superfície. Culturas de biosfera são aquelas que começam com civilização incipiente e com o estado centralizado; são culturas que expandem seu sistema de suporte econômico o bastante suficiente a ponto de poderem arruinar um ecossistema e continuar em marcha. Bem, isso foi Roma, foi a Babilônia. A expansão é simplesmente de tamanho suficiente que é

possível se começar a ser irresponsável acerca de certos territórios locais específicos. Elas resultam em civilizações imperialistas com capitalismo e crescimento econômico institucionalizado. O primeiro salto energético — para nos referirmos àqueles dois propulsores da monocultura — foi a escravidão. A energia com a qual nós operamos fundamentalmente é a da incidência anual da radiação solar, que nos é passada na coleta de produtos vegetais e animais, e acrescentando-se a isso nosso trabalho — homem a homem, mulher a mulher; trabalho. A escravidão se torna o primeiro salto energético que acelera as coisas um pouco.

O salto seguinte em aproveitamento energético é o dos combustíveis fósseis. Combustíveis fósseis a partir da penúltima década do século XIX, são os responsáveis pela explosão de todas as curvas de crescimento e de consumo que vemos no mundo atual. Curvas que são impedidas e correm paralelas a uma ideologia pré-estabelecida de crescimento econômico, mas as duas coisas com um grande reforço mútuo.

Dentro desse contexto nós temos um certo número de seres humanos intelectualizados, especialmente no mundo ocidental que, paralelamente à expansão em escala mundial dos hábitos ocidentais de troca, se tornaram estudantes de outros povos, e (sem quisermos nos envolver agora com o argumento acerca de se a antropologia é sempre imperialista ou não) não podemos evitar de ver os dois fatos como politicamente conexos. A existência em si da curiosidade antropológica vem em função de se pertencer a uma civilização em expansão. O oposto a isso, ou contraste, é o de se estar em uma situação cultural na qual não se tem qualquer interesse acerca de quais são os hábitos culturais dos outros, mas apenas se espera, se possível, que sejam respeitados. No Zen-Budismo eles dizem, “meise mono ja nai”, quer dizer, “isto não é algo para mostrar aos outros”. Nada de entrevistas de rádio, gra-

vações, vídeos, filmagens ou visitantes são permitidos nas escolas de treinamento Zen. Não é para mostrar. Elas são abertas a todos aqueles que desejam participar, mas não para serem investigadas. É esse o sentimento que os nativos têm quando estão em sua própria casa. Eles vêem pessoas que se acercam querendo fazer estudos (mas não participar) como se estivessem estranhamente flutuando sobre o chão. Nós começamos a nos dar conta agora como devem ser esquisitos nossos esforços antropológicos para as pessoas que estão naquele outro tipo de cultura que é baseada num ecossistema e está profundamente enraizada em sua própria identidade, sem que com isso ponha em dúvida a qualidade humana de outros seres.

Bem, nós podemos agora tratar dessa questão sobre o "combate ao genocídio cultural". Como combater o genocídio cultural? Terá *Alcheringa* feito o combate ao genocídio cultural nos últimos cinco anos? E nós, teremos feito esse combate de alguma maneira específica? Onde ocorre hoje em dia o genocídio cultural? Vamos começar pelo Brasil. Numa edição recente da *Critical Anthropology*, a revista de antropologia marxista à qual o Dr. Diamond esteve associado nos últimos anos, dentro da Nova Escola, nós temos um artigo no qual o Dr. Jack Stauder faz sugestões a seus colegas acerca de como se dar alguns pequenos passos acadêmicos na direção certa. Ele diz que, se alguém deseja ser um mestre em antropologia, deverá também ser capaz de ensinar a seus alunos a dinâmica interna de nossa cultura, pelo menos na área crítica do entendimento acerca do imperialismo e do capitalismo. Se isso não puder ser transmitido aos alunos, então de nada valerá todo o discurso sobre o Xingu. Se não se consegue deixar claro como funciona o sistema financeiro, então onde está o mestre? Ele diz que um antropólogo deve ser capaz de ensinar aos membros de uma cultura sob domínio a dinâmica do imperialismo, e o entendimento útil sobre economia, desde que eles estejam interessados. Eu

sei de pessoas que não se interessam em estar com a cabeça enfiada nessas categorias, mas se elas desejam uma explicação, devem ser ajudadas. É essa a diferença entre ser vítima de uma situação ou tê-la sobre controle: simplesmente estar entendendo como funcionam as coisas. O Dr. Stauder sugere que um antropólogo deve desempenhar um papel político ativo na sociedade. E que nós devemos nos aliar às lutas sociais em toda parte.

O Brasil é apenas um exemplo no globo, porém bastante instrutivo. O povo, é claro, é oprimido em toda parte e a destruição de tradições menores está ocorrendo em países de todos os graus de complexidade. O caso do Brasil é particularmente tocante uma vez que é provavelmente lá que os últimos seres humanos primitivos vivem hoje em dia no mundo: uns poucos grupos pequenos, aparentemente, que não foram ainda contatados pela civilização em expansão. Cento e cinquenta tribos conhecidas existiam no Brasil em 1900; oitenta e sete já se extinguíram. Entre 1900 e 1957 as populações indígenas no Brasil caíram de mais de um milhão para menos de duzentas mil pessoas. A população dos índios brasileiros na Bacia Amazônica é agora estimada em menos de cinquenta mil. Nambiquaras, Cintas Largas, Kadiwéus, Bororos, Wauras, por exemplo. Essa destruição é patrocinada por grandes corporações multinacionais; o segundo maior investidor no Brasil é a Volkswagen. A Volkswagen aparentemente não quer converter todo o seu lucro no hemisfério ocidental outra vez em euro-dólares, e com isso investiu pesado no desenvolvimento de uma região pecuária na Floresta Amazônica, na destruição das matas e em sua substituição por pastagens para satisfazer o gosto afluyente dos norte-americanos pelo seu *hamburger*. Uma outra companhia é a Georgia Pacific, de extração de madeira, que está também desmatando algumas das mais admiráveis florestas virgens tropicais remanescentes das Filipinas por meio de contratos com o governo local. E

temos a Rio Tinto Zinc; a Litton Industries fazendo levantamentos e mapeamentos aéreos; a Caterpillar Tractor com vastos contratos para derrubar a floresta avançando diretamente por dentro do parque Xingu. O ponto de vista oficial do governo brasileiro é: "Nós achamos que a única maneira dos índios melhorarem sua saúde, sua educação, e começarem seu desenvolvimento como pessoas, é através do progresso econômico." Bem, antes de rirem, façam a si mesmos esta questão: nós temos uma boa resposta a esse argumento? Quem vai assumir a posição de que os índios do Brasil devem ser colocados em um parque nacional com uma cerca em torno e sem absolutamente nenhum contato com o mundo civilizado? Como responder a isso tudo? Eu me lembro que como estudante de antropologia nos anos 50 estava convencido (e seguindo com isso os ensinamentos de meus mestres) que as culturas tradicionais do mundo estavam condenadas. Nós poderíamos estudá-las, nós poderíamos tentar preservar o que fosse encontrado em relação a suas formas de expressão, costumes, mitos, lendas, conhecimentos etno-botânico e assim por diante, mas seria quixotesco pensar que deveria ser feito investimento de qualquer esforço político na defesa concreta da integridade deles, porque o pressuposto era quase automático de que havia um processo de assimilação inexorável a nível racial (provavelmente positivo) e tudo que deveríamos fazer era esperar do outro lado do túnel a aparição de um mundo moderno humanista, internacionalizado, unificado, com as esperanças alimentadas pelas idéias liberais e marxistas. Mas os marxistas, pondo-se fora de dúvida a precisão de sua crítica na maior parte das questões, mostram-se frequentemente pouco hábeis ao tratar de culturas primitivas, e a tendência comum é a de pressupor que elas deveriam se tornar civilizadas. Está certo? Com isso retornamos àquilo que considero que seja talvez uma forma de se abordar e responder à questão; por que se afirma que eles deveriam

se desenvolver economicamente? Ou deve-se evitar que eles tomem aspirina? É sequer possível?

Estranhas contradições. Na Argentina há um parque nacional. Um dos grupos dos Mapuches vive lá. As cabanas na floresta estão se deteriorando, não por causa de preguiça, mas porque a administração do parque proibiu que qualquer madeira fosse cortada ou apanhada pelos índios. Cercados por florestas, e que são contudo madeira vetada, e multados caso osem cortar alguma. O governo providencia carregamentos de lenha, mas nunca o suficiente.

Esses são os problemas na Argentina, mas eu escutei o mesmo tipo de coisa em Montana, Utah, Nevada, Novo México, Arizona, norte da Califórnia, no centro do Oregon, e assim por diante. E lembrando de novo dos Mapuches, nós temos exemplos do que se pode escutar a seu respeito — de um coronel de origem alemã: "Você pretende escrever sobre eles? Eles são alcoólatras e dormem com suas próprias filhas." E de um dono de loja de origem árabe: "Mas você não deve se preocupar com eles. Eu acho que eles vão morrer. É melhor você pensar na estrada nova que vai ser construída." E de um dono de restaurante: "Eu não posso entendê-los. Passam fome, mas são tão orgulhosos que não aceitam emprego de lava-pratos." E de um advogado de agência turística: "Os Curuhincas vivem maravilhosamente sem qualquer tipo de necessidades, mas Deus-do-céu, nós aqui bem que gostaríamos de estar na mesma." De um alto oficial do Parque Nacional: "Você acha que é importante proibir os carbritos deles? O que nós queremos é botá-los daqui para fora. Eles são preguiçosos, têm maus costumes e são sujos. Que espetáculo para os turistas. Nós estamos estudando um projeto de transferência para uma outra parte da região onde eles podem viver do jeito que quiserem sem problemas." O oficial não mencionou que todas as outras regiões na província de Neuquen são desertas, descampa-

das e estéreis, sem falar no fato de que a lei argentina reconhece a posse das terras incluindo a área do lago Lacar pelos Mapuche-Curruhincas.¹

Uma das possibilidades de se escapar dos aspectos destrutivos da civilização industrial é o uso de critérios ecológicos. Isso significa apenas a questão considerada como redução da diversidade. Eu captei alguns comentários no começo da conferência por parte de algumas pessoas que se mostravam favoráveis, ou pareciam supor que um tipo de assimilação cultural e lingüística, em termos de um mundo único, ou mesmo algum tipo de internacionalização, é um processo desejável. A crítica ecológica por sua vez diria o seguinte (eu reproduzo o trabalho de Roy Rappaport, *Fluxo Energético numa Sociedade Agrícola*): "Não será impróprio caracterizarmos como imperialismo ecológico a elaboração de uma organização mundial centrada na sociedade industrial e que realiza a degradação dos ecossistemas das sociedades agrárias que ela absorve. O alcance cada vez maior da organização em escala mundial com o crescimento da industrialização e do consumo de energia do qual ela depende são virtualmente tomados pelo homem ocidental como definição da evolução social e do progresso. O que nós chamamos de progresso ou evolução social pode ser uma forma de mal-adaptação. Nós podemos perguntar se as chances de sobrevivência humana não seriam melhor asseguradas com uma reversão das práticas modernas, a fim de se aumentar a diversidade e a estabilidade dos ecossistemas locais, regionais e nacionais, mesmo que isso seja feito às custas da complexidade e da interdependência das organizações de cunho internacional. A mim parece que a tendência de se decrescer a complexidade e a estabilidade dos ecossistemas, muito mais que as ameaças de poluição, superpopulação ou mesmo carência de energia é, em última instância, o maior problema ecológico que o homem enfrenta. E também, o mais difícil de se resolver, uma vez que não se pode con-

ciliar uma solução com os valores, metas, interesses e instituições políticas e econômicas prevalentes nas sociedades industriais ou em industrialização."

Outro dia eu conversava a respeito de crescimento econômico com uma jovem. E ela dizia, "mas tudo na vida é crescimento, isto é natural, não é?" E a minha resposta foi, de acordo com Ramon Margalef e outros, que a vida se move em certos tipos de ciclos e, após uma ocasião de ruptura ou turbulência, ela substitui rapidamente um tecido desmembrado, mas inicialmente com um número pequeno de espécies. Com o reparo do tecido, a diversidade de espécies começa a tomar lugar ao crescimento rápido de espécies únicas, e a complexidade crescente se torna novamente o modelo, aquilo que eles chamam de "tendência a um clímax", que resulta na condição chamada de clímax. Isto é, uma máxima diversidade e uma máxima estabilidade em um sistema natural. Estável, porque os pontos de intercomunicação são tantos que, se houver alguma espécie de ofensa ao sistema, conforme se diz, ela não chega a atravessar todas as linhas, sendo localizada e corrigida. Se nós tivermos um campo semeado com ervas, e uma nuvem de gafanhotos desce sobre ele, isso será o fim das ervas. Se nós tivermos um acre no qual as ervas são talvez 12% da biomassa, então os gafanhotos comerão 12% da biomassa, mas nos restarão ainda outros 88%. O fundo de reserva nisso, a riqueza implícita, é a riqueza da reciclagem de energia através dos caminhos de detritos, isto é, matéria orgânica na escala inferior mais que na superior, os fungos, insetos, etc., que vivem na madeira e nas folhas apodrecidas ao invés de se valerem da produção anual de biomassa nova. Os detritos são uma chave para essa estabilidade e essa maturidade.

Agora, nos termos do Dr. Eugene Odum, o que nós chamamos de civilização é uma fase de estágio inicial; um sistema imaturo e de monocultura. O que nós chamamos de primitivo é um sistema já maduro com profundas

capacidades de estabilidade e proteção acumuladas. Na verdade, ele parece ser capaz de se proteger contra quase tudo, exceto talvez contra o açúcar branco e as relações de troca na economia de capital; e também álcool, querosene, pregos e fósforos. (Foi John Stuart Mill que disse, "Nenhuma dessas invenções para substituir o trabalho físico na verdade poupou o trabalho de alguém.")

Bem, e com isso nós temos a etnopoética: primeiro como um campo. A política de se investir em um novo campo acadêmico. A política de se ter um jornal. A política de se estar numa conferência como esta. E que é apenas uma nota ao pé de página na vida acadêmica na América, assim como o fato de nós nos preocuparmos em fazer estas coisas. Eu falo em tom de brincadeira porque me sinto grato por ter sido trazido aqui hoje. Esse é um primeiro nível. O outro nível é "etnopoética", e esse é, o que estamos nós fazendo quando começamos a penetrar na cultura de outros povos e trazer de volta seus poemas e publicá-los em nossas revistas? Eu vou procurar mostrar o lado positivo disso e que é simples: uma cultura imperialista expansionista se sente mais confortável quando é capaz de acreditar que as pessoas as quais ela explora são de algum modo menos humanas. Ao começar a receber noções de que estas pessoas têm todas as características humanas como nós, tudo já não será tão fácil.

Álbuns com a mitologia dos índios americanos, folclore e música, remontam aos anos de 1880. A quantidade se torna maior após 1900 — relatórios anuais e boletins do Bureau of American Ethnology, da American Ethnological Society, os memoriais e os jornais da American Folklore Society, e assim por diante. Há todo um corpo de literatura sobre o índio americano em inglês, mas quase nenhuma publicação popular sobre o assunto em formas que sejam de fácil acesso a um grande número de pessoas. Eu me pergunto por quê. Não sei; pode ser apenas uma questão de mercado, ninguém se interessa por

essas leituras. Pode ser também que não se quisesse que esse tipo de material aparecesse fora dos círculos acadêmicos.

Um caso similar: Os Ainus e os povos do Japão. O Dr. Kindaichi e seus colegas começaram a coletar a literatura oral Ainu nos anos 30, um dos maiores corpos de literatura oral específica jamais levantados — traduzido do Ainu para o japonês. Eu não consegui encontrar nenhuma publicação popular japonesa com alguma coisa desse material ao longo das últimas décadas: foi só no ano passado que a primeira edição comercial de uma seleção da literatura oral coletada pelo Dr. Kindaichi e seus colegas veio a público. Até o momento ela estava enterrada em livros acadêmicos raros e dispendiosos. A editora Iwanami Bunko de livros para o grande público, cerca de cinquenta *cents* um volume, tem traduções de todas as literaturas do mundo — Dostoievski, Tolstoi, tudo isto já foi traduzido para o japonês. Portanto já havia a capacidade editorial. Então por que demorou tanto? Por que só agora? E o que a recente publicação do texto dos irmãos Villas Boas sobre o Xingu poderá fazer pelos índios brasileiros? Poderá ser de alguma ajuda. Algumas pessoas vão ler e começar a pensar, "eles são seres humanos como nós". E assim se obtém um pequeno ganho em valores políticos a partir da publicação de literaturas orais.

Pela maior parte do tempo nos últimos 40.000 anos, as pessoas não eram particularmente cientes acerca do conjunto que tinham de canções, mitos e fábulas, mas nós temos alguns casos esclarecedores do século XIX que ilustram de que modo a publicação de literatura étnica reforça o senso de identidade de um povo. Tomemos a Finlândia. Um jovem médico chamado Lonrat se pôs a percorrer as regiões do norte da Finlândia, coletando os fragmentos restantes de canções, de épicos e lendas que andavam na boca do povo no começo do século XIX. Ele as organizou numa ordem que lhe parecia mais ou menos lógica, e deu

o nome de Kalevala. Da noite para o dia a Kalevala se tornou o maior épico nacional finlandês e ajudou o povo Finn a se manter unido contra os Suecos de um lado e os Russos de outro. Pode-se dizer que os passeios de verão do Dr. Lonrat são responsáveis pelo fato de que há uma nação chamada Finlândia hoje em dia.

O quarto item na lista de oito pontos da *Alcheringa* era “encorajar o trabalho de etnólogos e linguistas”. Alguma coisa acontece quando esse trabalho é feito.

Em março de 1902 Alfred Kroeber estava em Needles, Califórnia. Ele nos conta: “Em Ah'a-kwinyeavai, em uma casa Mohave coberta de areia, nós nos encontramos com Ainyo-Kutavére, cujo nome significa ‘Busca Perdida’, e ele se dispôs a nos fazer uma narração que se estendeu por seis dias, cada um com três a quatro horas de falação e mais este tanto de tradução, feita por Jack Jones, e de anotação, por mim. Ao final de cada dia, ele supunha, e eu acho que sinceramente, que poderia chegar ao final no dia seguinte. Ele admitiu imediatamente, quando lhe perguntei, que não havia jamais feito a narração completa da estória até o fim. Ele apenas tinha contado partes dela a audiências noturnas de Mohaves até que eles caíssem no sono. Ao final de nosso sexto dia ele mais uma vez nos avisou que mais um dia e chegaríamos ao final. Mas então eu tinha compromissos em Berkeley. E como o final previsto poderia mais uma vez se alongar, eu fiz uma interrupção relutante, prometendo a ele e a mim mesmo retornar a Needles quando possível, não depois do inverno seguinte, para concluir o registro da estória. Mas no inverno seguinte Ainyo-Kutavére tinha morrido e assim ficamos sem a conclusão. Ele era completamente cego. Ele era um pouco mais baixo que a média dos Mohaves, de figura esbelta, magro, quase frágil em sua idade avançada, seu cabelo acinzentado e solto, o perfil aguçado, delicado, sensível. . . ele ficou sentado no chão de areia macia de sua casa por

todos os seis dias que eu estive com ele, na postura usual dos homens Mohaves, sentado sobre os pés ou com eles para trás ou para os lados, mas não com as pernas cruzadas. Ele ficava quieto em sua postura, mas fumou todos os cigarros doces Caporal que eu lhe ofereci. Seus familiares sentavam-se à volta para escutar ou entravam e saíam em seus afazeres. . . ² Aquele velho sentado na areia contando sua história — é ele que nós devemos nos tornar — e não A. L. Kroeber, embora fosse ele a pessoa especial que era.

O que eu quero falar agora não é a respeito da poesia de outros, “ethnoi”, mas de nossa própria poesia. Poesia Diné, poesia popular, poesia Maidu, poesia de seres humanos. Na escala de tempo de 40.000 anos nós temos sido sempre as mesmas pessoas. Nós somos todos igualmente primitivos, acrescente-se ou deduza-se dois, três mil anos aqui, ou uma centena de anos acolá. E assim Homero, nesse ponto de vista, é não o começo, mas o final de uma tradição. Homero incorpora e organiza os oito mil anos precedentes de material oral, assim como os escribas que passam para uma forma definitiva no papel a sabedoria japonesa. Homero lança essas coisas mais uma vez para o futuro, para mais dois mil anos, de modo que nós ainda podemos ter um pó de limpeza Ajax e fogos de artifício Hércules. Uma espécie de salto espiral.

Eu fiquei impressionado pela opinião de Lévi-Strauss de que toda nossa experiência de certo modo é uma curva descendente na cultura ocidental desde o Neolítico. Ele também coloca em discussão o fato de que os sistemas de escrita têm servido amplamente através da história para escravizar os homens ao invés de servir a algum propósito religioso, espiritual ou estético útil, uma vez que o uso original da escrita era o de se fazer listas de escravos e de se ter uma relação do estoque acumulado, e apenas mais tarde tornando-se de uso nessas outras finalidades. O antropólogo-economista Marshall Sahlins no entanto, me fez

mudar de idéia quando afirmou que o Paleolítico é o ponto alto da coisa toda. Conforme mencionado anteriormente, os critérios ecológicos estão se movendo nesse sentido também. De acordo com a pesquisa de Sahlin, *Stone Age Economics* (Economia da Idade da Pedra), o Paleolítico Superior foi a sociedade afluente original, e ele estima que eles trabalhavam em média 15 horas por semana. Sahlin diz que “se nós quisermos nos assegurar que os caçadores do Paleolítico se ocupavam de seu bem-estar, então era apenas com o arco e a flecha que eles se arranjavam.” E também: “Naquelas sociedades ninguém tinha demais mas não haviam pessoas pobre. Não encontramos nenhuma classe de indigentes sem terras na cultura primitiva. Os destituídos de posses pertencem à civilização.” Isto também é interessante: o consumo médio de proteínas, carboidratos e todos outros nutrientes por dia é mais alto em pessoas primitivas, e provavelmente para as arcaicas, do que era para as vastas populações de servos e camponeses sob os regimes de alta civilização. Os chineses, que se sentiam tão superiores aos tibetanos, tão tinham noção do fato de que o grau de nutrição média em um chinês estava bem abaixo do grau médio em um tibetano que vivia como nômade naqueles planaltos estéreis.

“E então, qual é essa poética que se propõe a iniciar a partir daí?” Como disse o Dr. Diamond — “de uma experiência primária?” Nossas mãos se tornaram da maneira que são ao ficar por um longo tempo fazendo certas coisas. A mão deve continuar a fazer essas coisas ou não será tudo que pode. Um bonito sistema esse. Essa é a origem da linguagem e da poesia do ponto de vista hindu: Brahma, o criador, está em profundo estado de transe. Ele é silêncio, quietude. Um pensamento se move aí em algum lugar. Ele se manifesta como canção, a deusa Vak. A deusa Vak se torna o próprio universo na forma de energia. Dessa energia todas as subenergias nascem. Agora, Vak, em filologia indo-européia, é o mesmo que o latim

“vox”, voz. A deusa assume um outro nome: ela é também chamada de Sarasvati, que significa “aquela que flui”, e ela é reconhecida hoje em dia na Índia como a deusa da poesia, música e estudo. Ela é representada usando um sari branco, sentada em um pavão, segurando a vina * e um rolo de pergaminho.

Nos primeiros dias daquela espécie de fluxo de energia, a linguagem era apenas “sementes de sílabas”. A prática do canto de mantras na Índia, que é o canto dessas sementes de sílabas, é concebido como sendo uma forma de se transportar aos níveis fundamentais de energia sonora. A percepção do universo como fundamentalmente som e música, dá início à poética. Eles dizem também na poética sânscrita que a poesia original é o som da água corrente e do vento nas árvores.

Há canções sagradas e seculares. No caso das canções sagradas há também duas categorias: canções que são feitas com sílabas mágicas e que têm significado mágico apenas, e canções sagradas que têm significado literal. Na categoria de canção secular, pode-se pensar em todas as canções de todos os povos do mundo como se passando pelas seguintes divisões: canções de ninar para bebês; rimas para brincadeiras infantis; canções de captação de poder para iniciação adolescente; canções de corte para os jovens; canções de trabalho — de puxar-a-rede, de balanço de marreta, de transplante de arroz, de canoagem, montaria, de caça, com uma conjunto mágico específico de treinamento e compreensão; canções de celebração, de guerra, de enterros. Nós podemos encaixar toda nossa poética dentro dessas formas.

Uma outra categoria que é crítica é a de “canções de cura”, porque a partir dessas canções, que foram obtidas por pessoas que alcançaram canções de captação de poder particularmente fortes e retornaram a elas para obter mais,

* Cítara de sete cordas.

surge a nova especialização: aquela especialização do xamã ou curandeiro na forma de cantor/feiticeiro. São estes os caras que Platão queria expulsar segundo a história. Bem, eu gosto de pensar que a preocupação com o planeta, com a integridade da biosfera, é uma preocupação antiga e profundamente enraizada por parte dos poetas por uma razão: o papel do recitador era o de cantar a voz do milho, a voz das Plêiades, a voz do bisão, do antílope. De contatar de uma maneira muito especial um "outro" que não estava dentro da esfera humana: algo que não podia ser aprendido apenas através da consulta contínua a outros guias humanos, mas que podia ser aprendido ao se aventurar para além das fronteiras conhecidas e penetrar nas imensidões incultas de nossa vida interior, regiões inconscientes. Assim os poetas foram sempre "pagãos", motivo pelo qual Blake disse que Milton estava do lado do demônio, embora não o soubesse. O demônio não é, afinal, demônio coisa nenhuma, ele é o xamã que faz a dança-mímica do alce em *Trois Frères*, com chifres de alce e uma pele nas costas, e o que ele faz tem a ver com a fertilidade animal na primavera.

No fundo de tudo está a questão, "como prepararmos nossa mente para nos tornarmos cantadores". Uma atitude de abertura, interiorização, gratidão; junto com meditação, jejum, uma pequena dose de sofrimento, uma ruptura das ligações cotidianas com o tecido de relações sociais. Uma outra referência acerca dos Papagos: "Um homem que deseja canções não coloca sua mente em palavras e melodias. Ele se ocupa em agradar os seres supernaturais. Ele deve ser um bom caçador ou um bom guerreiro. Talvez assim eles gostem de sua maneira de ser. E um dia ao dormir, naturalmente as canções virão a ele. Ele escuta uma canção e sabe que são os falcões cantando para ele a respeito dos grandes pássaros brancos que chegam do oceano. Talvez as nuvens cantem ou o vento ou a aranha vermelha peluda em sua teia invisível.

A recompensa para o heroísmo não é a glória pessoal nem as riquezas. A recompensa são os sonhos. Aquele que desempenha atos de heroísmo se põe em contato com o supernatural. Após isso e não antes, ele jejua e espera uma visão. Os Papagos se atêm à crença de que as visões não vêm aos que não são dignos; mas apenas àqueles que se tornam merecedores, se mostrando humildemente, os sonhos vêm, e um sonho sempre traz uma canção."³

O simbolismo da musa, da deusa, é forte em nossa tradição ocidental e é também forte nas tradições do Sânscrito e do Tâmil na Índia. A tradição chinesa é um pouco diferente mas tem contatos muito interessantes com um tipo de visão que supõe uma musa bem no início que ficou obscurecido: é no Taoísmo, e dentro dele a ênfase no aspecto feminino, na mulher, o espírito do vale, *yin*. O Taoísmo é, de acordo com o que lhe atribui o Dr. Joseph Needham em seu *Science and Civilization in China*, o maior amálgama coerente de cultura neolítica orientada matriarcalmente em termos de consciência e descendência que conseguiu atravessar a barreira acústica, por assim dizer, da civilização na Era do Ferro, aparecendo para nós quase intacta. Assim, através de toda sua história política, ele foi antifeudal e antipatriarcal, tanto que o Dr. Needham afirma que de certo modo o Taoísmo foi uma ação preparatória de dois mil anos para a revolução maoísta. O Dr. Needham é um bioquímico inglês.

Nossa mitologia particular — aceita na maior parte em termos de fé — é a visão científica do universo. Há uma interessante convergência que eu gostaria de desenvolver em parte agora, que é bastante agradável. É a "Hipotese Gaia". A Deusa da Terra novamente. Dois cientistas, James Lovelock e Sidney Epton, na Inglaterra, fizeram um trabalho chamado "À Procura de Gaia". Gaia, na mitologia grega, é a Deusa-Terra original que nasceu de Cahos, produziu Uranus, se casou com ele, foi a mãe de Cronos,

dos Titãs, dos Cíclopes e dos Gigantes, tendo a geração seguinte sido a primeira geração de deuses.

A hipótese Gaia é uma hipótese de bioquímico, de que a biosfera inteira é um organismo vivo que programou estrategicamente sua evolução para três bilhões de anos, incluindo nossa produção. (O que pode ter sido um erro de sua parte.) Uma das mais interessantes evidências desse tipo de trabalho é a liberação de oxigênio na atmosfera pelos microrganismos oceânicos criando, em primeiro lugar, um ambiente de oxigênio, mas também, pelo rompimento de algumas moléculas de oxigênio, criando a proteção de ozônio que filtra os raios ultravioletas, permitindo que as células se desloquem para a terra. Com a ida das células para a terra, mais oxigênio, mais proteção de ozônio é criada, aumentando assim a possibilidade de expansão da vida. “Assim, as plantas verdes não apenas se beneficiam com o dióxido de carbono, mas são também aquecidas pelo fluxo de radiação que retorna ao solo por meio da atmosfera. Nossa janela de atmosfera para o espaço exterior é transparente à luz visível mas é vedada para a região-ultravioleta do espectro por causa da absorção feita por parte do ozônio, do dióxido de carbono e do vapor d’água. Essa sinergia em grande escala das plantas verdes na atmosfera é o resultado de milhões de anos de evolução da vida e da atmosfera que são portanto intimamente interdependentes”.⁴ A atmosfera é a criação de vida para seus próprios fins. O planeta Terra, portanto, se parece com uma pérola com seu invólucro vivo vista do espaço exterior, como se tivesse sido Vênus originada nela.

Poética da Terra. Concentrações de energia e comunicação resultam em linguagem, certos tipos de adensamentos de linguagem resultam em mitologias; e as mitologias condensadas nos trazem canções. “A transmissão de informação” — diz o Dr. H. T. Odum — “é uma parte importante de qualquer sistema complexo. Fluxos peque-

nos de energia que têm fatores altos de amplificação têm valor em proporção às energias que eles controlam. Assim como os fluxos de energia menores, as linhas de informação podem ter o valor mais alto entre todos quando abrem válvulas de acionamento nos circuitos de força. A qualidade dessa informação, energias minúsculas na forma certa, é tão alta que no circuito de controle certo ela pode desencadear enormes amplificações e controlar vastos fluxos de força.”⁵ No universo maior, o “tema” principal de fluxo de energia está em objetos massivos que aparecem juntos criando seu próprio campo gravitacional. A radiação solar por metro quadrado no espaço é de 1.395 cal/s. 99,98% do influxo de energia sobre a Terra é solar. Uma fração mínima desta é capturada pela clorofila das folhas das plantas. Aqui está a poética: “Morovitz apresentou o caso, na termodinâmica, da hipótese de que um fluxo uniforme de energia proveniente de uma fonte inexaurível do sol para o fundo insaciável do espaço externo, passando pela Terra, é matematicamente destinado a ocasionar a organização da matéria em um estado cada vez mais ordenado. O ato de balanceamento resultante envolve a aglomeração incessante de átomos para a formação de moléculas de complexidade cada vez maior e a emergência de ciclos para o armazenamento e liberação de energia. Num estado uniforme sem equilíbrio, que é postulado, a energia solar não fluiria simplesmente para a Terra, irradiando-se pelo espaço em seguida; é termodinamicamente inevitável que ela deverá rearranjar a matéria em padrões simétricos, além da probabilidade, contrária ao sentido entrópico, de suspendê-la por assim dizer a uma condição mutável de reorganização e ornamentação molecular. Se houvesse sons que representassem esse processo, eles apresentariam o arranjo dos concertos de Bradenburgo, mas eu me proponho a pensar se os mesmos eventos não são reproduzidos pelos ritmos dos insetos, pelas longas seqüências pulsantes dos trinados dos pássaros, pelas divagações

melódicas das baleias, pelas vibrações moduladas da migração de gafanhotos aos milhões.”⁶

Quer dizer, nós sabemos, a um nível sublimar, o que é aquilo a que estamos sintonizados para formarmos nossa linguagem, nossas canções. E com isso continuamos à volta da Terra. Agora eu vou citar alguém que todos conhecemos. “Don Juan estava agachado à minha frente. Ele acariciava o solo suavemente — ‘É essa a predileção dos dois guerreiros, essa Terra, esse mundo. Para um guerreiro não pode haver amor maior. Apenas com nosso amor à essa Terra, com uma paixão indeformável, podemos nos libertar de nossa melancolia. Um guerreiro é cheio de alegria porque seu amor é inalterável e a Terra sua amada o acolhe e cobre de presentes. Esse ser adorável, que está vivo até seus últimos recessos e é capaz de entender cada sentimento, me confortou, curou minhas dores e finalmente, quando descobri meu amor por ela, ela me ensinou a liberdade’.”⁷

E agora, olhando-se para nossa poesia na América do Norte — A Ilha Tartaruga* — à luz do passado, ou de outras tradições, esse sentido novo e velho da Terra, me parece que estamos apenas começando. Foi só a partir do século III na China que a poética de paisagem começou a emergir, uma forma de poesia que se desenvolveu por vários séculos e em última análise amplificou, informou e explorou as estações, os rios, cachoeiras, montanhas, criando um corpo de referência e alusão às plantas, para cada estação, e às qualidades das estações em relação aos afazeres humanos.

Nós apenas começamos, nos últimos dez anos aqui, a fazer canções que possam falar pelas plantas, montanhas, animais e crianças. Ao se encontrar com seu primeiro cervo do diá, faça-lhe a canção de saudação do cervo, ou o

* N. do T.: “Turtle Island”, nome do livro de poemas de Snyder de 1975. Nesse ano ele recebe o prêmio Pulitzer.

primeiro melro-de-asa-vermelha — eu me encontrei com um hoje de manhã! Essas poéticas serão criadas por nós ao re-habitarmos essa terra com as pessoas que nós sabemos que pertencem à ela; para quem “primitivo” não é uma palavra que significa passado mas, *primordial* e *futuro*. Elas serão criadas ao aprendermos a ver, região por região, como vivemos especificamente em cada lugar (vida vegetal!). Os poemas saltarão à frente de automóveis e aparelhos de TV de hoje e se perderão na vastidão da Via Láctea (visível apenas quando puxamos as tomadas), para enriquecer e humanizar cosmologias de caráter científico. Essas poéticas vindouras nos ajudarão a aprender a ser pessoas de conhecimento nesse universo em comunidade com as outras personalidades — não-humanas incluídas — irmãos e irmãs.

- Baseado em uma palestra feita na conferência sobre Etnopoética na Universidade de Wisconsin, Milwaukee, abril de 1975.

Notas

1. Informações sobre a América do Sul extraídas de diversas publicações do grupo *Indígena* (P.O. Box 4073, Berkeley, CA. 94704).
2. A.L. Kroeber, “A Mohave Historical Epic”, *Anthropological Records*, 11.2 (Berkeley: University of California Press, 1951), p. 71.
3. Ruth Underhill, *Singing for Power* (Berkeley: Univ. of California Press, 1968), p. 7.
4. David M. Gates, “The Flow of Energy in the Biosphere”, *Energy and Power* (N.Y.: *Scientific American*, 1971), p. 45.
5. H.T. Odum, *Environment, Power, and Society* (N.Y.: John Wiley, 1971), p. 172.
6. Lewis Thomas, *The Lives of a Cell* (N.Y.: Viking Press, 1974), pp. 27-28.
7. Carlos Castañeda, *Tales of Power* (N.Y.: Simon & Schuster, 1974), p. 285.